

A PERIFERIA EM SÃO PAULO E SUAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS

Mayara Campos dos Santos e Nara Sílvia Marcondes Martins (Orientadora)

Apoio: PIBIC CNPq

Resumo

A presente pesquisa de iniciação científica tem como objetivo estudar manifestações artísticas urbanas, com foco na pichação e no grafite, analisando sua origem na cidade de São Paulo e como podem influenciar regiões periféricas em sua estética urbana, verificando como a sua visibilidade pode promover mudanças sociais entre os moradores. Foram selecionados três bairros para estudo: São Miguel Paulista na zona leste, Brasilândia localizada na região norte e Morro Doce na região oeste da cidade de São Paulo. A pesquisa é qualitativa, baseada em um levantamento de dados; foi utilizada pesquisa bibliográfica e de campo: visitas aos bairros para registro de imagens, entrevistas com grafiteiros que praticam tanto a pichação como o grafite, entrevistas com os organizadores dos eventos de grafites dos bairros selecionados, entrevista com o pesquisador Gustavo Lassala, leitura de bibliografias relacionadas ao tema e visitas a eventos que abordaram discussões e atividades relacionadas a arte de rua.

Palavras-Chave: Design, Periferia, manifestações artísticas, grafite, pichação.

Abstract

This scientific initiation research aims to study urban art forms, focusing on pichação and graffiti, analyzing its origin in the city of São Paulo and how they can affect peripheral regions in its urban aesthetics, checking how your visibility can promote social change among residents. There were selected three neighborhoods to study: Sao Miguel Paulista in east of the city, Brasilândia located in the north and Morro Doce in the western region of São Paulo. The research is qualitative, based on a survey data was used bibliographical and field research: visits to neighborhoods to image registration, interviews with graffiti artists, interviews with the organizers of the graffiti events, interview with the researcher Gustavo Lassala, reading related biography to the topic and visits to events that addressed discussions and activities related to street art.

Keywords: Design, Periphery, artistic events, graffiti, pichação.

Introdução

Os bairros periféricos de grandes centros são minimizados, de forma genérica significa que são uma parte externa a um todo. São conhecidos por subúrbio ou periferia, estes termos designam áreas em redor das áreas centrais de um dado aglomerado urbano, seja um município, distrito ou bairro e normalmente é usado para descrever cidades circunscritas a um núcleo metropolitano central.

Muitos historiadores e urbanistas consideram o ano de 1930 o início da urbanização e da consolidação das periferias brasileiras de fato. No campo, a agricultura trocava mão de obra por máquinas, enquanto as cidades assistiam de perto ao governo de Getúlio Vargas, que instituiu a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) – e com ela fixou um salário mínimo para o trabalhador. Resultado: a troca da vida no campo pela vida na cidade levou ao êxodo rural e, com ele, o inchaço das cidades (LACERDA, 2010, p.9).

Na cidade de São Paulo as periferias ficam nos bairros dos extremos de cada região. Cada vez mais projetos culturais e coletivos emergem nessas regiões incentivando a música, dança e arte. De acordo com Almeida (2015) coletivos de arte periférica, estabelecem uma conexão quase automática com outros coletivos de outras regiões, fato que proporciona uma movimentação cultural mais ampla na periferia e para fora dela.

Estes projetos culturais podem ser gerados pelos próprios bairros e promovem mudanças, pois mesmo que estas regiões sejam carentes e apresentem estruturas precárias no âmbito da saúde, da urbanização, do transporte público, estas manifestações podem mudar e minimizar o impacto, porque podem ajudar o desenvolvimento, reconhecimento, a educação e a colaboração entre os moradores.

É perceptível nos bairros de periferia a presença de muitas manifestações artísticas urbanas entre elas o grafite, mas também podemos encontrar a pichação. O grafite trata-se de um movimento de ordem estética, que se caracteriza como manifestação artística com ensejo de crítica por uma linguagem popular. A pichação tem por objetivo a demarcação de territórios entre grupos, normalmente são símbolos e siglas empregados para identificar o autor da obra, muitas vezes também considerada como arte. Ambos, grafite e a pichação, quando colocados em seu suporte, a rua, iniciam com o seu interlocutor um processo de comunicação, são como sentimentos, que tem a necessidade de serem expressados. Tanto um como o outro tem mensagens a serem passadas e se tornam visíveis para diferentes públicos de diversas culturas. Segundo Lassala (2010, p.25):

Essas intervenções urbanas não usam apenas palavras e desenhos para se expressar, seus adeptos se valem de outros artifícios como, por exemplo, encapuzar estátuas, produzir placas, cartazes, esculturas, projeções com luz em fachada, entre outras formas de comunicação urbana. Trata-se de criativas intervenções, sempre variando a forma de atuação, o suporte e o modo de expressão.

Muitos são os grafiteiros que realizam seus trabalhos nos muros de São Paulo. O objetivo principal apresentar um estilo que seja reconhecido pelos que praticam ou não o grafite, assim criam padrões em seus desenhos, como uma marca assinando suas “tags”, estas são conhecidas por assinaturas, e os aplicam em muros de diferentes regiões da cidade, para alcançar maior visibilidade.

O grafite no Brasil tem cada vez mais visibilidade e vem sendo valorizado em outros países, deixou de ser um vilão e passa a ser um aliado, da cidade, de empresas e de pessoas que querem telas de grafiteiros para decorar suas casas e as deixam altamente valorizadas. Hoje existe status em torno dessas obras e o grafite passou neste momento um produto.

Particularmente, o graffiti extrapolou os espaços abertos, as ruas e vem ocupando interiores, galerias de arte, agências de publicidade, lojas de roupas, de skate, casas de cultura, prédios do poder público, bancas de jornal, enfim, o graffiti atualmente faz parte do cenário e das representações que a metrópole elabora acerca de si mesma. (FERREIRA, 2007, p.8)

O Brasil é reconhecido como produtor de grafiteiros. Os brasileiros que se destacaram na mídia e internacionalmente foram Os Gêmeos, Zezão, Eduardo Kobra e Crânio, suas obras são expostas em enormes murais fora do país, muitas de suas imagens transpõem dos muros para as telas além de realizarem murais e exposições em galerias na Inglaterra, Estados Unidos, Portugal e Canadá entre outros.

A capital paulista se tornou exemplo na divulgação desta linguagem. Nos últimos anos a Bienal Internacional de Graffiti Fine Art (fig. 1) está presente na agenda cultural da cidade. Essa mostra está na terceira edição e reúne cerca de sessenta artistas de diversos países localizada no Pavilhão das Culturas, no Parque do Ibirapuera. Além dos murais e quadros pintados com spray, estêncil e pincéis, a Bienal conta ainda com outros formatos, como instalações, esculturas e vídeo arte. (PREFEITURA, 2015).

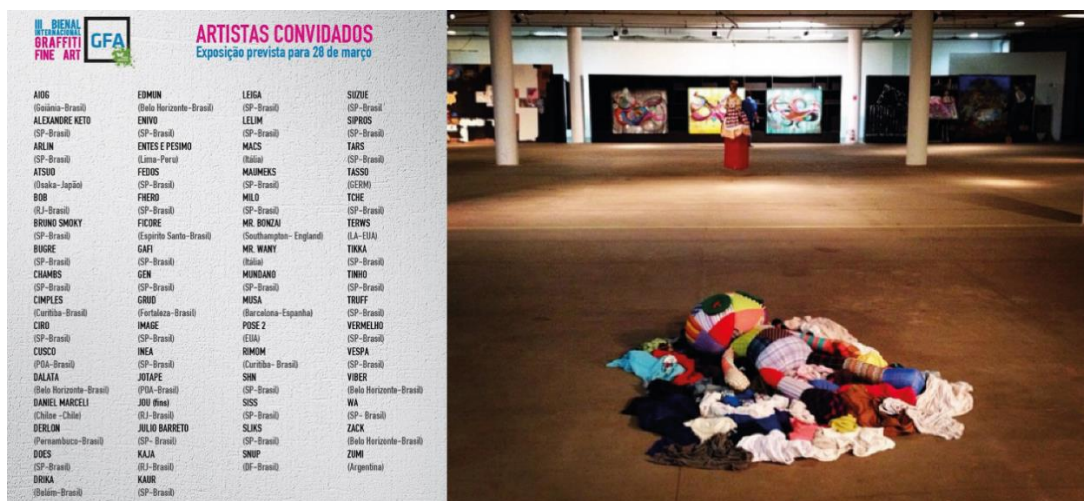


Figura 1 – À esquerda, imagem de divulgação dos participantes da III Bienal de Graffiti Fine Art que trouxe mais de sessenta artistas de dez países. E à direita foto de um dos espaços da exposição. Fonte: 3º BIENAL GRAFFITI FINE ART, 2016, s/p.

Tanto o grafite como a pichação são movimentos que tem a intenção de serem libertadores, estão presentes em diversos locais da cidade inclusive em regiões periféricas, são manifestações presentes em meio ao caos da vida nos grandes centros urbanos. A expressão estética do grafite é visualizada em espaços públicos, e, a intenção dos artistas é expressar insatisfações com a sociedade, e com a estrutura do próprio local onde vivem, expressando o ponto de vista do autor sobre a vida em forma de desenho. A cidade de São Paulo homenageou o artista grafiteiro Alex Vallauri instituindo o dia do grafite em vinte e sete de março, porém, nunca foi oficializado nacionalmente apenas em São Paulo (LEITE, 2008).

A pesquisa se justifica ao relacionar o contexto dos bairros da periferia da cidade de São Paulo junto às manifestações artísticas e culturais desenvolvidas nestes locais. Foram selecionados três bairros para estudar a arte urbana na periferia, São Miguel Paulista localizado na zona leste, Brasilândia na região norte e Morro Doce na região oeste da cidade de São Paulo. Esses bairros foram selecionados porque nessas regiões se concentram atividades de grafites.

O objetivo de estudo foi:

- diferenciar conceitualmente os campos do grafiteiros e pichadores;
- estudar a formação, modo de vida e a influência cultural na periferia da cidade de São Paulo;
- estudar a manifestação e ação dos grafiteiros nos seguintes bairros da periferia da cidade de São Paulo: Brasilândia localizados na região norte, Morro Doce na região oeste e São Miguel Paulista na zona leste;

- analisar como se desenvolvem e propagam, recebem ou não algum tipo de apoio e patrocínio;
- avaliar se influenciam a vida da comunidade de seus bairros e mudam a visão de mundo dos próprios artistas verificando se melhoram ou pioram as relações na comunidade;
- verificar o quanto influenciam em uma visão de estagnação e improdutividade, e revelar a quantidade de artistas que pode produzir.

É mote da pesquisa analisar a influência destas manifestações nas regiões periféricas no âmbito social e visual porque o grafite e a pichação são manifestações urbanas estéticas, que transmitem mensagens que são decodificadas pelos moradores de forma positiva ou negativa.

Referencial teórico

Realização de pesquisa bibliográfica, estudo do referencial teórico entre eles o livro “Pichação não é pixação” de Gustavo Lassala Silva (2010) que mostra a diferença destes dois movimentos que ocorreram em São Paulo, a pichação com CH e a pichação com X, além de seu mestrado “Os tipos gráficos da pichação: Desdobramentos visuais” (2007), que analisou o surgimento do movimento do grafite e pichação na cidade com foco no estudo da pichação para o desenvolvimento de uma tipografia. O livro “O que é graffiti” de Celso Gitahy (1999) propôs embasamento teórico sobre as manifestações urbanas. “Por trás dos muros, horizontes sociais do grafite” livro desenvolvido por Kátia Menezes e Gabriela Bedoian (2008) contam sobre o projeto social Quixote que atende crianças, jovens e famílias em situação de risco apostando no grafite como uma alternativa.

O livro “Pixação: Arte em cima do muro” de Luiz Nascimento (2015) apresenta uma visão da pichação como transgressora, mas de uma forma positiva na cidade, pois é um reflexo do que vivemos, a qual é vista com diversos olhares pela população. Grafite, Pichação e Cia de Célia Maria Antonacci Ramos (1994) estuda a origem destas manifestações e suas aproximações e diferenças e a relação delas com a cidade.

O mestrado de Arthur Hunold Lara (1996), “Grafite arte urbana em movimento” que também traz a origem dos movimentos urbanos no mundo apresentando suas primeiras manifestações em São Paulo como eventos, oficinas e mostras. E o livro “Transformações: Arte urbana e cidadania” (2015), que retrata uma ação de grafite feita no Bairro do Grajaú com o objetivo de ressignificar o espaço e melhorar a vida dos moradores da região.

Metodologia

Além do estudo do referencial teórico foi realizada a pesquisa de campo com a realização de visitas *in loco* nos bairros de São Miguel Paulista no evento “Arte e cultura na Kebrada”, na Brasilândia no evento Entre Becos e Vuelas e no bairro Morro Doce o evento “Art in Home” (fig. 2).



Figura 2 – Localização dos bairros escolhidos no mapa da cidade de São Paulo. Fonte: A partir de arquivo vetorial disponibilizado no blog VALEU CARA, 2016, s/p.

A partir de entrevistas realizadas com o pesquisador Gustavo Lassala, com os artistas da arte urbana como Crânio, Mauro Neri, Sapiens e com os idealizadores dos eventos “Entre Becos e Vuelas” e “Art in Home” foi possível conhecer de perto as características estéticas da arte urbana e o que motivou esses artistas a desenvolvê-la. Também foi muito importante a aplicação de questionários com moradores dos bairros visitados para verificar qual foi o tipo de ação e influência que a arte urbana promoveu nos moradores e comunidades dos bairros. Outro passo imprescindível foi o registro de imagens para a realização do levantamento iconográfico, que posteriormente foi analisado e interpretado.

Grafite, pichação e pichação

São muitas as manifestações artísticas urbanas existentes. A arte de rua instaura a transgressão, procura comunicar e consegue atingir todos os tipos de públicos. Caracterizada por ser libertadora, provocativa, se apoia no proibido e não necessariamente utiliza apenas desenhos, podem ser frases, colagens, performances, projeções de imagens e é capaz de abrir um diálogo na cidade permitindo que todos se comuniquem entre si e se comuniquem com o espaço urbano democratizando a arte.

A produção de linguagem urbana revela em seus múltiplos códigos, as tensões, marginalizações, disputas e reivindicações dos seus habitantes, porque o que se escreve ou prescreve em seus muros é obra dos cidadãos, não imposição das instancias institucionalizadas. (RAMOS, 1994, p.33).

O grafite e a pichação têm pontos em comum, são manifestações que tem uma mesma origem, um caráter social e político, usam o mesmo suporte que é a cidade, e o mesmo material para serem feitos, tinta látex, spray e marcadores. São espontâneos e efêmeros não são e não podem ser pagos, quando passam a ser pagos perdem a sua essência e se tornam um outro tipo de manifestação artística.

O grafite é uma expressão plástica que possui preocupações estético formais, pode ser figurativo ou abstrato, pode se utilizar de traço ou desenhos preenchidos contendo diversos temas que são colocados em discussão a partir de sua aplicação nos muros da cidade. É capaz de tornar o espaço aberto uma galeria urbana tornando-se uma arte acessível, assim como vemos no primeiro Museu Aberto de Arte Urbana do mundo, o MAAU, que fica localizado na Avenida Cruzeiro do Sul, zona norte de São Paulo (fig. 3). Diferentemente da pichação, pode ser autorizado ou não, e os autores trabalham provocando a revitalização de um espaço, preenchendo os muros com cor.



Figura 3 – Foto do MAAU, Museu Aberto de arte Urbana que fica localizado na Avenida Cruzeiro do Sul, zona norte de São Paulo. Fonte: HYPENESS, 2016, s/p.

Como nos relatado pelo grafiteiro Sapiens:

O grafite é um questionamento da própria propriedade privada. As ruas da cidade são como labirintos, as pessoas são imitadas a andar dentro do espaço delimitado pelos muros e usar isso que até então era uma estética marginal pra fazer uma arte, é uma possibilidade de liberdade (Entrevista concedida no dia ver data 30/08/2015).

A pichação se diferencia do grafite em termos de utilizar apenas uma cor, ser definida como crime ambiental segundo a lei 9.605/98 – Art.65 e por isso ela é transgressora e existe a necessidade de que seja feita rapidamente. Segundo Lassala (2010), a pichação em essência é uma ação para marcar presença, chamar atenção por meio da subversão. Privilegia o uso da palavra, tipografia e atua em qualquer espaço, mas tem preferência por lugares hipervalorizados e sacralizados. No Brasil, ela acompanha o desenvolvimento urbano, o crescimento desordenado e a formação das metrópoles. É uma guerra feita com tinta onde as letras desenhadas não são entendíveis pelo público leigo, somente os pichadores e algumas pessoas mais atentas entendem.

Pichação é considerada vandalismo pela sociedade atual. Ela é uma violência aos muros que protegem uma pseudoliberalidade individual do cidadão. Cidadão este que não compreende e não consegue ler a pichação, o que redobra ainda mais a sua indignação sobre o fenômeno (NASCIMENTO, 2012, p.17)

Existe um movimento dentro da estética da pichação que é a pixação com X, ela um fenômeno urbano característico de São Paulo. Explica-se quando o pichador sozinho ou em sua crew ou grife, grupos que são formados para propagar a pichação, competem por visibilidade, onde as intervenções com maior dificuldade de execução são as mais valorizadas. Esse movimento possui uma estética característica conhecida como Tag Reto.

No intuito de se diferenciar dos demais grupos, os pichadores foram buscando desenhos próprios para as letras, com quebras lembrando o “estilo gótico”, ou até mesmo, influenciados pelas capas de discos de músicas de punk e rock da época. Esse estilo de letra é típico de São Paulo, e é único no mundo (LASSALA, 2007, p.34).

Celso Gitahy grafiteiro e pichador, divide a pichação em São Paulo em quatro fases, a primeira corresponde ao carimbo do próprio nome em diferentes superfícies e diversos locais da cidade com a intenção de se autopromover, ou seja, ser reconhecido. Uma das primeiras inscrições que apareceu na cidade nesse sentido foi a Cão Fila km 26 (fig. 4), assinatura criada por Antenor Lara Campos, conhecido como Tozinho para promover a Sede da Associação de Criadores de Fila Brasileiro, fundada em 1972 na altura do km 26 da Estrada de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo (BESIDECOLORS, 2016).



Figura 4: Antenor Lara Campos e sua pichação Cão Fila. Fonte: Site BESIDECOLORS, 2016, s/p.

Na segunda fase surge a competição pelo espaço. Em vez do nome, são criados pseudônimos assinados e conhecidos como tags e o espaço físico da cidade fica saturado, umas das assinaturas mais conhecidas desse momento foi "Gonha Mó Breu". Na terceira fase os pichadores começam a pichar os edifícios, abandonados ou não, quanto mais desafiador, mais status tinha o pichador e inicia uma "competição". Na quarta fase a pichação atinge seu auge. Os pichadores queriam a atenção da mídia e reportagens sobre eles.

Distanciando-se do discurso que a pichação é um problema ou que ela é sujeira, o fato é que esses vândalos-cidadãos têm contribuído para a composição estética da nossa cidade e interferindo no espaço, pois dialogam com as paredes, ódios e afetos das pessoas, lembranças de caminhos e os motivos disso podem estar subjugados aos mandos de uma gang ou na solidão de um sujeito qualquer que teima em deixar sua mensagem nos muros. (LASSALA, 2007, p.37).

O surgimento do grafite em São Paulo

A Europa na segunda metade do século XX transpirava contracultura. Ocorria uma ocupação da cidade por movimentos artísticos, musicais, culturais, políticos e por pessoas, essa manifestação se tornava internacional.

Nesses espaços alternativos, deixar uma marca e imprimir um estilo próprio nas fachadas para sinalizar a ocupação, o espírito do movimento e demonstrar de forma visível sua força eram práticas constantes e necessárias. Foi assim que o grafite foi amplamente utilizado e se desenvolveu nos espaços urbanos, criando uma nova identidade visual nas grandes cidades (LARA, 1996, p.48).

Simultaneamente em Nova York, os grafites e pichações surgiam nos guetos periféricos.

A partir das tags, o grafite foi o primeiro elemento do hip-hop a sair dos guetos e ganhar o centro inundando visualmente a cidade de Nova York. Jovens conhecidos como writers ou graffiti writers ilegalmente cobriam com letras e desenhos os muros, as caixas de correio, os edifícios, os caminhões de lixo e sorvete, as portas de enrolar na frente das lojas e, claro, os principais alvos, os vagões de trens metropolitanos, externa e internamente marcados com grandes desenhos e frases com letras coloridas, conhecidas como throw-ups e genericamente como pieces (D'ALVA, 2014, p.9).

No Brasil, as primeiras pichações são políticas e nascem em meio universitário acontecem nos anos 60, em resposta ao período de ditadura militar com frases como – Abaixo a ditadura. Essa frase era escrita de forma legível, pois seu objetivo principal era ser uma crítica à repressão e precisava ser entendida. Segundo Lara (1996, p.127) “nessa época, Graffiti e pichação eram sinônimos e as inscrições caracterizavam-se pela ausência de elementos plásticos”.

As pichações dos anos 60 introduziam uma inovação colocando a subjetividade e a experiência pessoal como questões políticas. A juventude de classe média fazia suas revoluções usando a superfície da cidade para revelar seu protesto à sociedade estabelecida. Nos anos 70 ocorre um outro fenômeno, não são mais jovens de classe média; os grafites se transformam numa expressão de garotos dos bairros populares nas grandes metrópoles. Ao contrário da década anterior tinham intenção política (BUENO, 1999, p.262).

O grafite passa a tomar características próprias na década de 70, sendo praticado por artistas plásticos, gráficos e arquitetos em bairros de classe média de São Paulo. Artistas como Alex Vallauri, Carlos Matuck e Julio Barreto, a partir de influências de quadrinhos americanos, jogos de vídeo game e da cultura popular, passam a fazer seus desenhos utilizando-se de máscaras tinta preta e de cores primárias. Assim passa a ocorrer o processo de diferenciação do grafite e da pichação. Surge também o coletivo Tupi Não Dá (fig. 5), que faz diversas intervenções de grafite, poesia e performances na rua, trazendo mais aceitação para o movimento.



Figura 5 – Arquivo Folha de São Paulo. Grupo Tupi Não Dá no Buraco Da Paulista: Carlos Delfino, Jaime Prades, Claudia Reis, Alberto Lima, Rui Amaral e José Carratu. Fonte: ARTBR, 2016, s/p.

De início, o grafite era elaborado com máscaras simples, feitas com recortes vazados em cartolina ou papel *duplex* de modo a revelar o contorno da figura e o auto contraste. As máscaras são fixadas com fita crepe na parede e por cima é jogado um jato de *spray* ou passado um rolo ou pincel embebido com tinta. As imagens formadas pelas máscaras podem ser complementadas a mão livre, davam agilidade e ajudavam a cobrir espaços maiores (LARA, 1996, p.143).

Nos anos 80, surge a segunda geração de grafiteiros que segue as técnicas usadas pela primeira, mas com uma nova vertente inspirada no movimento Hip Hop. Segundo D'alva (2014) o hip hop nasce nos guetos de Nova York, num momento em que gangues rivais travam um acordo de paz. Ele nasce frente à opressão das diferenças, um movimento furioso e agressivo, mas em um dia de festa com celebração e bom-humor e busca desde o início, assim como o que o grafite e a pichação buscam, marcar o lugar, trazer nessa marcação sua origem, se afirmar e ser reconhecido. Em São Paulo a estação do São Bento do metrô se torna um marco do hip hop (fig. 6), lá aconteciam os encontros onde os quatro pilares do movimento se reuniam: O Mc, O DJ, o Bboy e o Graffiti, aproximando-o dos jovens da periferia de São Paulo.



Figura 6 –Os Gêmeos e Rooney no metro São Bento. Início do movimento Hip Hop no Brasil. Fonte: Site OSGEMEOS, 2016, s/p.

No final dos anos 80, o movimento grafite estava em alta e ganhava as galerias de arte. Nas ruas havia muita agitação e brigas por território. Em São Paulo, o bairro de Vila Madalena abrigava a maioria dos grafiteiros e começava a ter seus muros transformados e verdadeiros murais urbanos. O grafite conquistava rapidamente os jornais e as galerias e ganhavam espaço na programação das secretarias estaduais e municipais de cultura. Num momento de crise econômica, a rua e o grafite passaram também a constituir um espaço de sobrevivência para uma grande parte dos jovens da cidade (LARA, 1996, p. 50).

O grafite na Periferia

Os movimentos artísticos urbanos estavam presentes no cotidiano das pessoas. Influenciados por seu alcance e notícias, eles chegaram nos bairros afastados do centro como uma forma de expressão, de mostrar que a periferia existe. Por ter a rua como suporte, um bem público, se tornaram atingíveis. Segundo Ferreira (2015), o espaço que os jovens da periferia têm, é a rua, e além deles, todos os diferentes grupos que residem nessa região, assim é por ela que acontece a sociabilidade, e assim que a experiência da periferia se torna singular.

A partir das entrevistas e leitura bibliográfica, sabe-se que a maioria dos grafiteiros das regiões periféricas começou com a prática da pichação por ser mais acessível em quantidade

de tinta e técnica, e ainda sim permitir a expressão. Com o tempo quem possuía mais técnica passou à prática do grafite e à criação de sua estética pessoal.

Nas periferias de São Paulo os jovens se organizaram em grupos distintos, trabalhando com arte e cultura. Nos anos 80 e 90 era forte a presença das posses de HIP HOP, crews de Graffiti, saraus de literatura periférica, grupos de pichação, skatistas, etc... Já nas duas últimas décadas verificamos que esses grupos distintos passam a se identificar como coletivos culturais (MARINO, WILLIAM, 2016, p. 18).

As movimentações culturais na periferia foram se consolidando como coletivos, sempre em busca de conseguir levar projetos que sempre eram desenvolvidos nos centros para a periferia, como a cultura digital, o grafite, shows, oficinas, saraus. No início, muitos eram desenvolvidos pelos próprios moradores, conseguindo ajuda e verba na própria periferia, mas recentemente, muitos editais da prefeitura têm beneficiado o desenvolvimento desses coletivos e projetos, como VAI¹, VAI Tec, Redes e ruas e a própria consolidação de pontos de cultura.

Durante a pesquisa foram estudados três eventos de grafite organizados em três bairros periféricos:

- Arte e Cultura na Kebrada em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo;
- Entre Becos e Vuelas na Brasilândia, zona norte de São Paulo;
- Art in Home no Morro Doce, zona Oeste de São Paulo.

Os eventos são realizados nas ruas dos bairros com diferentes dimensões estruturais. Os grafites são feitos em sua maioria nos muros dos moradores da região, dessa forma os eventos em sua idealização passaram por um processo de aceitação. Precisa existir muita conversa e negociação com os moradores para mostrar quais os benefícios do evento para a região.

O Arte e Cultura na Kebrada, surgiu em 2007 de uma brincadeira entre amigos, um churrasco e dois muros. No início foi um evento independente, aconteceu com a ajuda de coletivos da região, da comunidade e de empresas que aceitaram colaborar e nas últimas três edições conseguiram o subsídio do VAI. Hoje o evento ocupa oito quadras do bairro São

¹ O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, foi criado pela lei 13540 e regulamentado pelo decreto 43823/2003, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais.

Miguel Paulista, além das ruas paralelas, recebe cerca de 300 grafiteiros e é considerado o maior evento de grafite da América Latina deslocando muitas pessoas para a região.

A nona edição, que foi a última realizada, possuiu um grande investimento, foi dividida em seis diferentes áreas separadas por cores de acordo com o que aconteceria em cada uma com ênfase na discotecagem, de forma a facilitar a localização de visitantes e dos próprios moradores da região (fig. 7). Na área vermelha ficou a tenda de dbn, dubstep, raggajungle, trap e dubwise; na roxa, rock, reggae, crossover e rap metal; na área verde ficaram as atividades relacionadas à cultura popular como roda de côco e samba e a virada sustentável; na área azul aconteceu discotecagem relacionada ao hip hop; na área laranja, dub, reggae e ragga e na área amarela atividades para as crianças como pintura de rosto e brinquedos. Além de todas essas atividades acontecia o grafite ao longo dos quarteirões.



Figura 7 –Mapa da 9ª edição do evento com as áreas e respectivas programações.

Fonte: ARTE E CULTURA NA KEBRADA, 2016, s/p.

No início do projeto os idealizadores foram atrás dos moradores para conseguir ampliar o alcance do evento, mostrando a importância que o grafite teria para a região. Hoje, muitos moradores que não estão inclusos neste circuito que o evento ocupa, procuram os organizadores interessados em participar. O projeto acontece uma vez ao ano nas mesmas ruas da região, assim existe sempre a renovação dos grafites (fig. 8).



Figura 8 – Atividades da 9ª edição do evento Arte e Cultura na Kebrada em São Miguel Paulista, zona Norte de São Paulo. Entre elas o grafite e a movimentação da comunidade. Fonte: Acervo pessoal

O projeto Entre Becos e Vuelas acontece desde 2009 e tem como idealizadores Bruno Rodrigues Canela e Clayon João. A ideia inicial para a realização foi a de comemorar o aniversário de Bruno na viela onde ele morava, ele que também já foi pichador e grafiteiro. Assim o primeiro evento aconteceu com a participação de 34 grafiteiros, 4 grupos de rap e apresentação de 2 DJs com ajuda de uma iniciativa local chamada Projeto Espremedor, de alguns moradores e iniciativa dos próprios artistas levando seus materiais.

Em sete anos de existência o projeto realizou 11 eventos de grafite em becos e vielas da Brasilândia. As primeiras edições foram realizadas com a ajuda de coletivos locais e moradores, da quarta à oitava edição eles foram contemplados pelo edital VAI. Os eventos realizados com subsídio do VAI possuíam mais verba, assim, foi possível proporcionar alimentação para todos os participantes e convidados e distribuir tintas no evento. O Entre Becos e Vuelas acontece em diferentes espaços da Brasilândia, com a frequência de uma a duas vezes ao ano, sendo necessário às vezes repetir os becos e as vielas, então as paredes são pintadas de cores chapadas para receber novos desenhos (fig. 9).



Figura 9 – Atividades da 11ª edição do evento Entre Becos e Vuelas na Brasilândia, zona norte de São Paulo. Entre elas o grafite e plantação de mudas. Fonte: ENTRE BECOS E VUELAS – TUDO ACABA EM COLETIVO, 2015, s/p.

O evento Art in Home, surgiu de uma reunião de amigos na casa de um deles, Guilherme Bittencourt, no Morro Doce, onde havia algumas paredes que eles resolveram pintar. Neste dia, tiveram a ideia de repercutir o movimento “Art in Home” para as ruas do bairro. O primeiro evento foi no ano de 2012 e as primeiras edições foram realizadas por iniciativa própria entrando em contato com os moradores para a autorização dos muros e conseguindo verba e tinta por comércios da região. As últimas três edições conseguiram ser realizadas com subsídio do VAI. O evento é realizado com a frequência de uma a duas vezes por ano, normalmente em diferentes espaços do bairro (fig.10).



Fig. 10 – Atividades da 7ª edição do evento Art in Home, no Morro Doce, zona Oeste de São Paulo. Entre elas o grafite e maracatu. Fonte: Acervo pessoal

O reconhecimento do grafite

No Brasil, há alguns anos, o grafite passa por um processo de apropriação em diversas plataformas, pelo poder público como um aliado da cidade e uma forma de aproximação de um movimento que é transgressor com o intuito de facilitar essa comunicação, e pela mídia, por ser um movimento jovem e ativo como forma de atrair um público alternativo.

As intervenções dos grafiteiros estão por toda parte e passaram a ser um elemento constitutivo da paisagem urbana de São Paulo, por isso a linguagem, a estética do graffiti, começa a fazer parte do que as pessoas imaginam como característica do universo urbano e principalmente jovem. São inúmeras as empresas que tem vinculado produtos e campanha de marketing ao visual do graffiti. Mais do que isso, o poder público que administra a metrópole, também tem buscado no graffiti uma maneira de revitalizar espaços esteticamente degradados, o que significa que até mesmo nas representações oficiais da metrópole o graffiti tem seu espaço (FERREIRA, 2007, p.8).

Hoje, alguns grafiteiros conseguem viver do seu trabalho. Os Gêmeos, dois irmãos paulistanos, começaram a grafitar nos anos 80 influenciados pela cultura do hip hop e tem

seus trabalhos baseados em folclore e na cultura popular (OSGEMEOS, 2015). José Augusto Amaro Capela conhecido por Zezão é o novo ícone da nova arte paulistana, faz seus grafites sempre em lugares suburbanos onde pessoas não costumam reparar, muitas de suas intervenções de grafite localizam-se em galerias subterrâneas de São Paulo e de outras cidades do mundo como nos esgotos, no chão, em baixo de pontes, como uma forma de chamar atenção para esses cenários e para quem vive e precisa deles (ZEZAOARTS, 2015).

O outro artista de rua também conhecido é Eduardo Kobra, que surgiu no cenário do grafite por volta de 1987, é um expoente da neovanguarda paulista, na periferia de São Paulo, e logo se espalha pela cidade. Desenvolveu o projeto os Muros da Memória, transformou a paisagem urbana através da arte e resgatando a memória da cidade, pintando personagens e figuras históricas (KOBRA, 2015).

Fabio "Crânio" Oliveira também viveu na periferia e manifestou sua arte pelas ruas foi. Nasceu em 1982 e cresceu na zona norte de São Paulo e Crânio que por volta de 1998 começou a trabalhar a linguagem do grafite e traduziu neste, índios do Brasil, introduzindo junto aos desenhos questões contemporâneas e importantes de serem reforçadas (CRANIOARTES, 2015).

Além disso, muitos são os eventos fora da periferia desenvolvidos em torno dessa estética levando ela até a classe média e promovendo uma sociabilização. Como o evento Obra que foi visitado durante a pesquisa. A maioria do público presente era composta pela classe média e alta, onde ocorriam vários workshops, palestras e um tour de graffiti pelo centro da cidade, onde estavam localizadas doze empenas de prédios com quarenta metros de altura em que grafites foram realizados por dezoito artistas nacionais e internacionais. Um evento com um investimento enorme, onde o grafite como mercadoria vem sendo consolidado.

Conclusão

Ao analisar os eventos escolhidos, percebeu-se que muitos são os pontos em comum. São realizados diversos tipos de atividades durante os eventos além do grafite ao vivo, como shows, discotecagem, dança, maracatu, saraus, doação de livros, plantação de mudas, oficinas de grafite para diversas idades, brinquedos para as crianças, elas dependem das parcerias que os organizadores conseguem, por isso torna-se um ambiente familiar. Esses eventos são importantes para a comunidade, pois quando acontecem uma a duas vezes por ano apresentam o lazer e a cultura que sempre são necessários e procurados nas regiões centrais da cidade, muitas vezes com difícil acesso e às vezes nem todos tem acesso. Por outro lado, mostram que a comunidade pode se unir e proporcionar uma boa estrutura para o evento, minimizando a ideia de que não gera bons frutos, diferentes das notícias presentes

nos meios de comunicação de que só existe violência, ou que é necessário sair dela para ter oportunidades. O relato do grafiteiro Sapiens confirma isso:

Muitas vezes as pessoas acham que não pode ocorrer cultura dentro da periferia, as pessoas têm uma visão que discrimina, assim como o grafite dentro do movimento hip hop era uma ação criminosa, porque você não vai ser preso por estar cantando ou mexendo nas pickups, mas se você chegar e pintar um lugar você pode ser preso, então é a mesma coisa, a periferia é marginalizada como o grafite é uma arte marginalizada. Ele apresenta possibilidades para um jovem, quando ele gosta de desenhar ele pode viajar, fazer outras coisas, e não ficar com a ideia de que na periferia só há o pior. (Entrevista concedida no dia ver data 30/08/2015).

Depois do processo de aceitação, os moradores passaram a usufruir dos eventos como um momento de união, aprendizado, de recepção de novas pessoas no bairro, e até como uma forma de ter um retorno financeiro e hoje eles acham importante que aconteçam e ficam ansiosos para a próxima edição.

Esses eventos proporcionam visibilidade para a periferia, tanto quando os organizadores se inscrevem em programas do governo para receber apoio, mas também quando criam formas para divulga-los nas redes sociais. Os olhares se voltam para essas regiões, que passam reconhecidas em todos os seus problemas estruturais, muitas vezes até conseguindo melhorias em questões de coleta de lixo, calçadas, vegetação, iluminação e apoio de empresas para a própria realização do evento.

O grafite é importante para a periferia, pois proporciona todas essas ações: a realização dos eventos, a união da comunidade, a mudança de olhar da comunidade para o movimento, para a arte; a possibilidade de ter retorno financeiro e até estimular a atividade como profissão para os jovens presentes nessas regiões, além da revitalização dos espaços e proporciona a segurança dos locais em que é realizado, e principalmente por agir como facilitador da humanização. Lembrando que está cada vez mais presente em todos os meios de comunicação, deixou de ser uma atividade marginalizada para apropriado e aceito, e conforme sua história se concretiza que o grafite é uma estética da periferia, das ruas e das comunidades.

Referências

ALMEIDA, Renato. Cultura de periferia na periferia. Em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=995>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

ARTBR. Memórias que viram histórias – Arte no buraco. Disponível em: <<http://www.artbr.com.br/folhadesaopaulo/ilustrissima/index.htm>>. Acesso em: 20.jun.2016.

ARTE E CULTURA NA KEBRADA. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Arteeculturanakehrada/?fref=ts>>. Acesso em: 10.out.2015.

BESIDECOLORS. A pré-história da pichação. Disponível em: <<http://besidecolors.com/a-pre-historia-da-pichacao/>>. Acesso em: 20.jun.2016.

BUENO, Maria Lucia. Artes plásticas no século XX: Modernidade e globalização. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.

CRANIOARTES. Graffiti & Fine Arts. Disponível em: <<http://cranioartes.com/about-sobre/>>. Acesso em: 24.abr.2015.

D'ALVA, Roberta Estrela. Teatro hip hop: a performance poética do ator-mc. São Paulo: Perspectiva, 2014.

EDUARDO KOBRA. Portifolio. Disponível em: <<http://eduardokobra.com/sobre/>>. Acesso em: 25.abr.2015.

ENTRE BECOS E VIELAS – TUDO ACABA EM COLETIVO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/EntreBecoseVielas/?fref=ts>>. Acesso em: 10.out.2015.

FERREIRA, Lucas Tavares. O traçado das redes: etnografia dos grafiteiros e a sociabilidade na metrópole. 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1447?show=full>>. Acesso em: 11.abr.2015.

GITAHY, Celso. O que é Graffiti. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HYPNESS. 1º Museu Aberto de Arte Urbana do Mundo. Disponível em: <http://www.hypness.com.br/2011/10/1-museu-aberto/>. Acesso em: 10.jul.2016.

LACERDA, Mariana. Espelho, espelho meu: Nossas metrópoles refletem a sociedade que construímos. Revista Continuum Itaú Cultural. São Paulo, v.26, p.8-13, julho, 2010.<<http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/001725.pdf>>. Acesso em: 19.abr.2015.

LARA, Arthur Hunold. Grafite: Arte urbana em movimento.131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://docslide.com.br/education/grafite-arte-urbana-em-movimento.html>>. Acesso em: 10.out.2015.

LASSALA, Gustavo. Os tipos gráficos da pichação: desdobramentos visuais. 2007. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

_____. Pichação não é pixação. São Paulo: Altamira, 2010.

LEITE, Eleilson. Arte de rua, democracia e protesto. Em: <<https://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ac&id=2787>>. Acesso em: 19.abr.2015.

MARINO, Aluizio; WILLIAM, Toni. Arte, tecnologia e direito à cidade. Livro Insurgências: arte, tecnologia e território. São Paulo, v.1, p.18-25. 2015.

NASCIMENTO, Luiz Henrique Pereira. Pixação: A arte em cima do muro. 37 f. Dissertação (Trabalho de conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Humanidades e Direito). Universidade Metodista de São Paulo. Campinas, 2012. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/pixacao-a-arte-em-cima-do-muro.html>>. Acesso em: 10.out.2015.

_____. Pixação: A arte em cima do muro. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.

OS GEMEOS. Disponível em: < <http://www.osgemeos.com.br/en/>>. Acesso em: 25.abr.2015.

PREFEITURA. Bienal internacional. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=17526>>. Acesso em: 27.abr.2015.

_____. Programa VAI Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=17526>>. Acesso em: 27.abr.2015.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. Grafite, pichação & cia. São Paulo: AnnaBlume, 1994.

SAPIENS. Depoimento [fev. 2016]. Entrevistador: MC de Santos. São Paulo: UPM, 2015. Entrevista concedida ao A periferia em São Paulo e suas manifestações artísticas urbanas.

VALEU CARA. Disponível em: <<http://valeucara.blogspot.com.br/2015/11/mapa-da-cidade-de-sao-paulo-bairro-por.html>>. Acesso em: 20.jul.2016.

ZEZAO ARTS. Zezão arts. Disponível em: < <http://www.zezaoarts.com.br/zezao.asp>>. Acesso em: 25.abr.2015.

3º BIENAL GRAFFITI FINE ART. Disponível em: <<https://www.facebook.com/3bienalgraffiti>>. Acesso em: 10.out.2015.